



Oficinas de Canto Coral na Escola Miss Browne: Um relato de experiência

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Fábio Miguel

Instituto de Artes da UNESP – fabbyomi@hotmail.com

Lucas Gonçalves Moutinho

Instituto de Artes da UNESP – lucas_moutinho@hotmail.com.br

Luis Guilherme Anselmi

Instituto de Artes da UNESP – luisguianselmi@gmail.com

Silvio Fernando Janson

Instituto de Artes da UNESP – sfj@uol.com.br

Willian Gomes Pedrozo

Instituto de Artes da UNESP – williangomesbass@hotmail.com

André Laitano dos Santos

Instituto de Artes da UNESP - andrelaitanods@gmail.com

Regina Celia Corso Marcondes do Amaral

Instituto de Artes da UNESP - regina.marcondes.amaral@gmail.com

Dayse Rodrigues Bulgarelli

Instituto de Artes da UNESP - bulgarellidayse@gmail.com

Caroline Cabral Romano Fukumoto

Instituto de Artes da UNESP - carolineccr@yahoo.com.br

Thais de Freitas Rodrigues

Instituto de Artes da UNESP - thais.freitas.ro@gmail.com

Resumo: Trata-se do relato e análise de oficinas de canto coral realizadas, com alunos do ensino médio, na escola pública Miss Browne em SP. Buscou-se compreender como desenvolver e ampliar a expressão musical e vocal do adolescente, de modo a contribuir para o seu desenvolvimento humano e artístico-cultural. As oficinas foram planejadas, realizadas e registradas em vídeo e texto, semanalmente, a partir da observação não participante. O registro textual gerou informações para a contextualização, o relato e análise das oficinas, apresentadas neste artigo. No decorrer das oficinas percebeu-se a melhora dos estudantes em vários aspectos musicais e vocais, seguida do aumento da disposição e confiança para expressar suas dúvidas e colocar suas sugestões para o desenvolvimento das atividades.

Palavras-chave: Canto Coral. Voz. Adolescente. Oficina.

Miss Browne's High School Choral Singing Workshops: an Experience Report

Abstract: It is the report and analysis of choral singing workshops held, with high school students, at Miss Browne public school in São Paulo. We aimed to understand how to develop and expand

the musical and vocal expression of teenagers, in order to contribute to their human and artistic-cultural development. The workshops were planned, performed and recorded in video and text, weekly, with non-participant observation. The textual record generated information for the contextualization, reporting and analysis of the workshops, presented in this article. Throughout the workshops the students improvement in various musical and vocal aspects was observed, followed by an increase in the willingness and confidence to express their doubts and to put their suggestions for the development of the activities.

Keywords: Choral Singing. Voice. Teenagers. Workshop.

1. Introdução e Contextualização

Neste artigo expõe-se um relato sintético, análise e avaliação de oficinas corais¹, realizadas numa escola pública de SP. Com estas oficinas visou-se a iniciação e/ou desenvolvimento e ampliação da expressão musical e vocal por meio do canto coral. A atividade coral foi um meio para auxiliar o desenvolvimento de habilidades musicais e vocais dos participantes a partir do estudo e prática de repertório adequado à faixa etária. Além disso, pretendeu-se promover o entrelaçamento da música com outras disciplinas, auxiliando o aluno na elaboração de relações na construção do conhecimento.

A escolha desta faixa etária justifica-se pelas poucas possibilidades presentes no ensino médio, no que se refere a um trabalho de educação musical prático e reflexivo com atividades que proporcionem aos adolescentes o desenvolvimento de sua musicalidade, expressão e prática musical (FERNANDES, 2014, p. 203), sobretudo no âmbito vocal. Nesta fase, o adolescente, que passa por várias transformações em seu corpo e sua mente, poderá sentir sua voz mudar e encontrar algumas dificuldades para se expressar no canto e, por vezes, alguns deles, por vergonha ou timidez, deixam de cantar. Desta forma, o canto coletivo, pode ser um meio para iniciar ou incentivar a continuidade deste adolescente em práticas musicais que envolvam a voz de forma prazerosa. Além disso, acredita-se que atividades musicais coletivas, como o canto coral, podem auxiliá-lo no desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional, bem como contribuir para o enriquecimento de sua percepção e adaptação da convivência em grupo. De acordo com DAROZ (2014, p. 87) a atividade coral se configura num espaço de interação entre os seus participantes, onde estes compartilham emoções, deveres e responsabilidades sociais e buscam o respeito mútuo.

A proposta de atividade coral foi oferecida para escolas públicas próximas ao Instituto de Artes da UNESP, para que os estudantes, integrantes do grupo de pesquisa, tivessem fácil acesso ao local de aplicação da pesquisa, bem como a universidade começasse a estabelecer uma conexão com a comunidade ao seu redor. O projeto foi encaminhado a duas escolas e foi aceito pela Miss Browne, localizada à rua Padre Chico, em Perdizes, há 15 min. de distância

da universidade.

Antes do início das atividades, o líder e os integrantes do grupo de pesquisa visitaram a escola para conhecê-la e ter uma noção em que espaços as aulas poderiam ocorrer. Na mesma ocasião, realizaram uma reunião com o diretor e a coordenadora da instituição para dirimir eventuais dúvidas acerca da proposta anteriormente enviada, por e-mail². A coordenadora se encarregou de divulgar a atividade e inscrever os interessados. Inscreveram-se 16 alunos³, mas somente 05 compareceram ao primeiro encontro – 04 meninos e 01 menina. Nos demais encontros a frequência de participantes foi bastante variável, de 02 a 10 participantes. Terminamos o semestre com 02 estudantes, os quais estiveram em quase todos os encontros.

Foram realizados 11 encontros, às terças-feiras, das 12h30 às 13h40, (setembro – 13, 20 e 27; outubro – 4, 11, 18 e 25; novembro – 01, 08, 22 e 29). As atividades planejadas eram executadas pelos estudantes, integrantes do grupo de pesquisa, que se revezavam na condução do trabalho. As oficinas foram gravadas em vídeo, por dois integrantes e registradas, pelo professor coordenador do grupo, por meio da técnica de observação não participante que permitiu coletar dados para perceber e examinar como os adolescentes respondiam às propostas desenvolvidas na atividade coral (RICHARDSON, 1999, p. 260)

O planejamento das oficinas era realizado, às quartas-feiras, uma vez por semana, em reuniões que duravam em média 01 h 30 min, na universidade. Discutia-se, a partir de diferentes fontes, acerca de conceitos e ideias que poderiam fundamentar a prática desenvolvida na escola, bem como trabalhava-se na elaboração de propostas, preparação de repertório e roteiro de aplicação. Essas reuniões foram utilizadas, também, para avaliar a recepção, por parte dos alunos, dos conteúdos compartilhados, bem como elaborar, inserir e ajustar novos itens para os encontros posteriores.

2. As oficinas: um relato sintético dos encontros e seus conteúdos

Nas oficinas foram desenvolvidos alguns jogos musicais, seguido do trabalho musical e vocal coletivo por meio de repertório, abarcando alguns conteúdos relacionados a produção vocal e, ao final dos encontros, havia uma roda de conversa.

Utilizou-se um jogo, denominado pelo grupo “Jogo dos nomes⁴” que, consiste em dispor os alunos em roda e, primeiramente, perguntar o nome da pessoa que está à sua direita e à sua esquerda. Em seguida, estabelecer uma pulsação, sobre a qual cada aluno, separadamente, pronunciará o nome da pessoa que estiver no sentido horário ou anti-horário conforme for definido. Num segundo momento, cabe a cada aluno definir para qual dos seus

vizinhos imediatos passará a vez de falar o nome. Num terceiro momento, o participante pode dizer o nome das pessoas distantes, que não estão ao seu lado na roda, indicando com uma palma flecha (palma na qual uma das mãos aponta para uma pessoa). Finalmente, repetir o último passo com percussão corporal, cantando o nome da forma que quiser. Este jogo foi empregado, sobretudo, nos dois primeiros encontros, pois o objetivo era conhecer os nomes dos envolvidos na oficina e integrar os estudantes da escola com os integrantes do grupo que estavam ministrando a oficina.

O repertório desenvolvido ao longo das oficinas foi: “Baião do Zeca” (Zeca Rodrigues), “Tanto que choveu” (Refrão da música “Água que correu” de Almir Sater), “O som da Pessoa” (Gilberto Gil), “Siyahamba” (Tradicional Zulu), “Lá no mar tem areia” (Coco de domínio popular), “Sambalelê” (Domínio popular), “Asa branca” (Luiz Gonzaga). As músicas foram ensinadas sem o uso de partituras, sem instrumento harmônico de apoio, apenas com o uso do diapasão. Os integrantes do grupo de pesquisa cantavam e os estudantes imitavam. Muitas dessas músicas foram realizadas, também, com um ostinato rítmico e percussão corporal. Algumas delas, “Tanto que choveu” e “O Som da Pessoa”, depois de assimiladas foram realizadas em cânone, trabalhando assim a noção de imitação vocal. Em alguns casos, como na música “Tanto que choveu”, propôs-se aos alunos, utilizar o texto da música e criar uma nova melodia em grupo.

A partir de questões levantadas pelos participantes da atividade, alguns conteúdos foram sendo incorporados ao longo das oficinas. Por exemplo, o uso do falsete. Trabalhou-se com eles a noção de falsete, primeiramente, por meio da percepção auditiva. Utilizou-se a música “Tanto que choveu”, em que, simultaneamente, os homens cantaram em falsete e as mulheres em seu registro vocal, mas todos de costas para os alunos, de modo que eles não vissem quem estava cantando e tivessem que perceber tudo pela sonoridade da voz. Muitos estudantes perceberam que os homens estavam emitindo um som semelhante ao das vozes femininas e, então, a partir dessa percepção, explicou-se aos estudantes o que era falsete e trabalhou-se essa emissão com eles.

O aquecimento vocal também foi um ponto destacado por um dos alunos, que mencionou sentir falta dele, evidenciando que já havia tido alguma experiência prática com o assunto. Introduziu-se este tema de forma gradativa. No 4º. encontro (04/10), em que o aquecimento vocal foi abordado pela primeira vez, realizou-se exercícios de alongamento e ativação do corpo, exercício de respiração com [s] curto, vibração de lábio ou de língua, vibração de lábio ou língua com um desenho melódico específico (salto de 5ª. ascendente e

grau conjunto descendente de $\frac{1}{2}$ em $\frac{1}{2}$ tom), vocalize com um trecho de uma música, “O Som da Pessoa”, trabalhada em outros momentos. Os exercícios para o aquecimento vocal variavam a cada encontro, buscando considerar as necessidades dos participantes e o repertório que seria realizado naquele dia. Também procuramos explicar a função de cada passo do aquecimento para que os participantes tivessem a autonomia para realizá-los em casa sem nossa supervisão.

Um outro elemento técnico- vocal abordado, a partir de sugestão dos alunos, foi a respiração. Trabalhou-se a sensibilização das partes envolvidas na respiração, tais como o uso da cinta abdominal e dos intercostais. Utilizou-se células rítmicas de algumas músicas para trabalhar a respiração com [s] curto.

Uma das músicas ensinadas, “Lá no mar tem areia”, foi empregada para introduzir os passos do coco. Este gênero foi introduzido para tornar conhecido este gênero aos alunos envolvidos e, também, trabalhar com ideias de som e movimento, propiciando maior flexibilidade ao corpo e a voz. Buscou-se a integração corpo e voz.

Introduziu-se, também, a ideia de improvisação vocal a partir da proposta de Theophil Maier, intitulada “Sopro... Ruídos.... Vozes” (MENDES, 2013, p. 8). Utilizou-se, ainda, num outro momento, para trabalhar improvisação vocal, uma melodia cantada em outra oficina, extraída do livro Choral Vocal Technique (HORSTMANN, 2009, p. 24) e que foi realizada em cânone.

Ao final de cada oficina fazia-se uma roda de conversa, com objetivo de ouvir os alunos, para saber suas impressões acerca das atividades realizadas, suas preferências e gosto musical, bem como, suas sugestões de músicas e temas relacionados a voz para os demais encontros.

3. As oficinas: uma análise do planejamento e da execução dos encontros

Os integrantes do grupo de pesquisa, que são alunos dos cursos de Licenciatura em Música (4), Regência (2), doutorado em Artes Visuais (formado, também, em Educação Musical) estiveram plenamente envolvidos nas reuniões de planejamento, colocando suas ideias e propostas de atividades. A aplicação em sala de aula, na escola Miss Browne, foi uma oportunidade de colocar em prática os conceitos e ideias discutidos nas reuniões acerca da voz e do canto coral, podendo a cada reunião de planejamento, avaliar o que funcionou e o que não funcionou em cada oficina. Os integrantes puderam assim desenvolver autonomia para selecionar o repertório que seria trabalhado, bem como a forma como os conteúdos relacionados à voz e as peças seriam abordados a cada encontro. Autonomia, também, para

tomar decisões rápidas durante a realização das atividades, diante de situações que não estavam necessariamente previstas no planejamento.

Os alunos da escola Miss Browne se mostraram um pouco tímidos nas primeiras oficinas, mas à medida que tomavam contato com os integrantes do grupo, ficavam mais confiantes e participavam mais das atividades e exercícios propostos. Os professores do projeto procuraram desenvolver um ambiente amistoso, buscando sempre dialogar com os participantes da oficina, para que eles se sentissem a vontade para fazer sugestões e esclarecer dúvidas. Infelizmente, houve uma evasão muito grande dos participantes, de modo que a oficina de canto coral terminou com 02 estudantes. Em várias reuniões de planejamento essa questão foi discutida pelos integrantes do grupo de pesquisa, mas ela não será tratada aqui por questão de foco e limitações de páginas para elaboração deste artigo. Essa questão continuará a ser discutida com os integrantes do grupo e, também, com a coordenação da escola, na continuidade do trabalho durante 2017.

Os estudantes da Miss Browne, que participaram das oficinas corais, apresentaram inicialmente algumas dificuldades com relação ao canto: afinação instável, falta de controle da voz e da respiração, entre outros que, contudo, com o decorrer das aulas mostraram considerável melhora nos pontos destacados. Poucos tinham experiência com o canto ou canto coral, pelo que se pôde perceber durante as atividades e na roda de conversa. Desta forma, o modelo vocal dos professores da oficina contribuiu para o aperfeiçoamento vocal e musical dos alunos, sobretudo, no quesito da afinação. Aqueles que, no começo do projeto, não conseguiam manter o perfil melódico de determinada música, passaram a fazê-lo de modo satisfatório. Para facilitar o aprendizado, as músicas trabalhadas foram em português, sendo apenas uma em idioma Zulu. Além do idioma em português, outras características das músicas auxiliaram no aprendizado dos estudantes: as melodias tinham uma extensão curta, no máximo uma oitava; tinham poucos saltos, células rítmicas simples e frases curtas. Dentro dessas características as músicas se mostraram adequadas para eles que, na maioria, como já mencionado, tinham nenhuma ou pouca experiência com o canto. Reitera-se que o repertório trabalhado serviu, também, como um meio para, em alguns momentos, estimular a criação e improvisação vocal. Outro aspecto importante na preparação e na execução destas oficinas foi a contextualização histórica que, referente a variedade de estilos trabalhados, ajudou muito a introduzir gêneros os quais não faziam parte de vivência dos participantes da oficina, bem como possibilitou desenvolver o trabalho com gêneros que não lhes eram familiares.

Considera-se que, os momentos de criação e improvisação vocal, mencionados em

outra parte deste texto, foram os que melhor caracterizaram conceitualmente as oficinas de canto coral, uma vez que neles trabalhou-se o desenvolvimento da criatividade dos participantes, ao se abordar a voz, no contexto de canto coral, de modo não convencional (FERNANDES, 2015, p. 9).

As rodas de conversa realizadas ao final de cada encontro foram fundamentais para fomentar o contato e o diálogo entre os professores da oficina e os estudantes da Miss Browne que participaram das atividades. Este era um dos momentos no qual eles tinham voz e podiam tecer opiniões a respeito de tudo que havia sido realizado e, também, sugerir músicas e conteúdo para os outros dias. Percebeu-se que muitos não estavam acostumados a ter um espaço para colocar as suas sugestões e impressões acerca de algo. Parece que eles estão presos a um modelo de ensino, no qual somente o professor tem voz ativa. Foi por meio dessas rodas de conversa que o grupo de professores pôde saber os temas/assuntos relacionados à voz e as músicas que os estudantes gostariam de trabalhar. Por exemplo, na roda de conversa do primeiro encontro, identificou-se, dos cinco participantes, algumas ideias acerca de suas preferências musicais (Funk, Jazz, MPB, Rock e Pop). Na terceira oficina, um dos participantes sugeriu abordar, nas aulas seguintes, a questão do falsete e, outro, o tema aquecimento vocal. Na segunda oficina, por exemplo, quando se conversou a respeito dos gêneros musicais por eles apreciados, alguns dos alunos sugeriram que fosse trabalhado o K-Pop (Korean Pop), um gênero desconhecido por alguns dos integrantes do grupo de pesquisa, o que se revelou numa oportunidade de troca de experiências e aprendizagem, na medida em que foi proposto aos estudantes que ensinassem aos professores, alguma música desse repertório. Contudo, isso não aconteceu, porque os proponentes da música não compareceram mais aos encontros. Levantou-se algumas hipóteses para tentar compreender o ocorrido: eles se sentiram pressionados a ter que preparar algo e ficaram com receio de não conseguir levar a música para cantar e ensinar; talvez a proposta foi prematura para um primeiro encontro, entre outras razões que foram discutidas nas reuniões do grupo de pesquisa.

Considera-se que as oficinas de canto coral realizadas na Miss Browne, revelou-se num caminho de aprendizado para todos os envolvidos: alunos e professores, que puderam compartilhar informações, cantar juntos e aprimorar maneiras de lidar com o outro em atividades coletivas, como a que foi proposta.

Avalia-se, também, que para melhor caracterizar a oficina, seria interessante ampliar o espaço de atuação dos estudantes, estimulando-os a criar com suas próprias vozes.

4. Considerações Finais

As oficinas de canto coral, realizadas com os alunos do ensino médio, na Miss Browne, permitiram iniciar um trabalho de expressão musical e vocal por meio do canto coral. Com o uso de repertório adequado à faixa etária dos participantes, algumas habilidades musicais e vocais dos estudantes puderam ser desenvolvidas, entre elas: o controle da afinação e da emissão vocal; o uso do falsete e da respiração, conhecimento de diferentes repertórios, inclusive com uma música em língua estrangeira.

Foi de suma importância abordar os aspectos musicais e técnico-vocais a partir do repertório e não de forma isolada. Esses aspectos, com base no repertório propiciaram uma maior significação dos conceitos abordados. Reitera-se que muitos dos temas foram sugeridos pelos alunos das oficinas.

Considera-se fundamental um processo contínuo de avaliação dessas oficinas, para que elas sejam aprimoradas e possam atingir e envolver mais estudantes da escola. Além disso, busca-se estratégias que possam atrair outros adolescentes a participarem das atividades. Pretende-se, na continuidade do projeto, estabelecer uma conexão do canto coral com outras disciplinas, com o intuito de auxiliar o estudante na elaboração de relações na construção do conhecimento. Objetivo que foi pouco explorado nas oficinas realizadas.

Foi muito interessante trabalhar com os adolescentes, pois se configurou um grande desafio desenvolver atividades musicais com a voz para essa faixa etária. Muitos deles, pelo que se pôde observar, possuíam pouca ou quase nenhuma experiência com o canto e, em alguns casos, apresentavam dificuldades para se expressar mesmo na fala. Desta forma, o canto coral se configurou num caminho para iniciá-los em uma prática musical que envolvesse a voz de modo prazeroso e os instigou, em certa medida, a expor suas opiniões, sugestões e dúvidas, sem medo de serem censurados.

Finalmente, salienta-se a ampliação da experiência docente daqueles que ministraram as oficinas. O planejamento e aplicação das atividades requereu do grupo e de cada indivíduo autonomia para selecionar o conteúdo a ser desenvolvido, a forma como seria trabalhado, o que implicou num contínuo processo de aprimoramento dos conhecimentos e reflexão acerca das possibilidades de como compartilhá-los. Além disso, houve, também um aprimoramento das relações humanas, uma vez que as atividades eram planejadas e executadas em grupos. Era preciso falar, mas era preciso, também, dar espaço para a voz do outro e percebê-lo, construindo nessa conexão, caminhos para fazer música humanamente na escola Miss Browne.

Referências:

- DAROZ, Irandi Fernandez. *A prática coral juvenil transitando em ambientes formais e não formais: Perspectivas aplicas à Educação Musical*. São Paulo, 2014. [199f]. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, UNESP, 2014.
- FERNANDES, Iveta Maria Borges Ávila *et alia*. Experimentos da educação musical no ensino médio. In: COLVARA, Laurence Duarte e OLIVEIRA, José Brás Barreto de (Org.). *Núcleos de ensino da UNESP (recurso eletrônico): artigos 2012: metodologias de ensino e apropriação de conhecimento pelos alunos*. São Paulo: Cultura Acadêmica UNESP. Pró-Reitoria de Graduação: Núcleos de Ensino da UNESP, 2014. p. 201–221.
- FERNANDES, José Nunes. *Mil e uma atividades de oficina de música: cadernos de exercícios*. Rio de Janeiro: ed. Do autor, 2015.
- HORSTMANN, Sabine. *Choral Vocal Technique*. Chicago: GIA Publications, Inc., 2009.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- STÊNIO, Mendes. *Percussão Corporal e Musicalidade Instintiva*. (Apostila do curso “Musicalidade Instintiva”) São Paulo, 2013. n.d.; n.p

Notas

¹ A realização das oficinas é uma das etapas da pesquisa, em andamento, intitulada “Canto coral para adolescentes na escola pública”, iniciada em 2016, pelo GEPPEVOZIA (Grupo de Estudo, Prática e Pesquisa em Voz do Instituto de Artes da UNESP). Esta pesquisa, por sua vez, está atrelada a uma disciplina optativa, oferecida na graduação, intitulada: Coro Infantil e Juvenil: Fundamentos Teóricos e Práticos. Alguns integrantes do grupo, cursaram, em 2016, a disciplina, de modo que para estes foi possível fazer uma ponte entre aspectos teóricos e práticos relacionados a atividade coral com a faixa etária em questão.

² O e-mail, com o projeto anexo, foi enviado em 02/03/2016, contudo, as atividades na escola só foram iniciadas em setembro de 2016, devido a um período de greve na universidade.

³ A escola tinha, a época das oficinas, 07 turmas de ensino médio no período da manhã. Contudo, o baixo número de inscritos se deu por duas razões: a divulgação não foi eficiente e os alunos trabalham no período da tarde.

⁴ Adaptação do “Jogo 1 - Flechas” (MENDES, Stênio, 2013, p. 2)